

THEATRO LYRICO

Referir aqui a historia completa da *Aida*, e do seu auctor, seria cahir n'um logar commum de muito mau gosto. Todos os annos, a critica escolhe a melhor das suas pennas, ensaia o melhor dos seus processos, e, depois de dar um derradeiro balanço á sua erudição artistica, vasa sobre o papel, previamente cortado em tiras escuras, tudo quanto sabe... e que infelizmente foi—ali da critica l—repetido com a mesma fidelidade nos annos anteriores e por ella mesma.

Certo é que, tanto para o verdadeiro amante da arte, como para o que tem por dever, não só sentir, mas também referir aos outros as suas impressões pessoais, a grande opera de Verdi offerece largo campo para a mais completa exhibição de sciencia musical; e, quanto já muito explorado o assumpto, ainda assim ha sempre margem para dizer muitissimo sobre a *Aida*, esse mais bello florão da corôa de glorias do maestro parmesão.

Mas para que reproduzir a mesma cantilena de sempre, e para um publico como o nosso, que sabe, tão bem como a critica official, distinguir o Verdi da *Traviata*, do outro Verdi, da *Aida*?

Repetimos: se ainda ha n'esta muito heroica e leal cidade de S. Sebastião quem não saiba de cór a historia biographica de Verdi, e a historia anecdótica da *Aida*, que esse alguém tenha a bondade de dar-se a um pequeno incommodo, e ficará perfeitamente instruido de todo o caso: basta-lhe recorrer ás collecções de jornaes que aqui se publicam — para não ir mais longe.

Eis ahí uma fonte de sciencia segura, barata e facil—qualidades que nem sempre se encontram aliadas n'uma só fonte, mesmo n'uma fonte de sciencia musical, toda cheia de claves e *dó ré mi*, e de mais circumstancias habituaes.

Melhor, pois, é deixarmos-nos d'isto, e irmos logo ao amago da questão: dizer qual a impressão causada pela companhia que ante-hontem apresentou-se ao publico fluminense, cantando a nossa conhecidissima *Aida*.

Só agora, após a estréa da companhia Rossi, se pôde comprehender e justificar o procedimento da critica paulistana, quando a seu respeito emittiu tão variadas e diferentes opiniões, ora elogiando-a com enthusiasmo, ora censurando-a com acrimonia.

E' que isso mesmo, que succedeu á platéa e á critica da Paulicéa, aliás durante a exhibição de diversas operas, foi o que ante-hontem aconteceu ao nosso publico, unicamente durante a exhibição da *Aida*. A companhia percorreu todos os grãos da escala do julgamento publico, descendo o panno após o ultimo acto, sem que seguro e decisivo juizo tenha ficado a seu respeito.

Pois que já se acha gasta e muito rustida a chapa das emoções da estréa, nem para essa podemos appellar n'este momento, afim de amparar qualquer dos artistas que porventura haja agradado menos; e, uma vez inutilisada aquella, sem recurso ficamos para a outra chapa sua congenere: que nos reservamos para uma segunda audição, em que melhor possam ser julgados os artistas.

Só ha a dizer o seguinte:

A companhia não impressionou desfavoravelmente, nem despertou grande enthusiasmo. Dos estreantes, apenas agradou francamente, sem reservas, a primadona Nadina Bulicoff, uma verdadeira artista, na justa accepção da palavra.

Os outros tiveram altas e baixas, como se verá do seguinte *compte rendu*, por cuja fidelidade nos compromettemos:

O Sr. Callione, que á ultima hora teve de substituir o tenor Bertini, a quem subita indisposição privára de ir á scena, foi recebido friamente, como de commum succede—e bem injustamente, aliás—áquelles que têm a delicadeza de prestar-se a taes remendos.

Não sendo um *fura-paredes*, é ainda assim o Sr. Callione um tenor muito apresentavel, a quem falta certa distincção, é certo, mas em cuja pessoa occorrem outros dotes artisticos, como voz potente, bem timbrada e segura, afinação e... e boa vontade—se boa vontade se pôde metter em linha de conta de dotes artisticos.

Uma parte do publico, porém, que pareceu contaminada do mesmo mal do tenor Bertini, por sua vez sentiu-se indispuesta contra o tenor substituto, e quiz fazer-lhe uma manifestação de desagrado quando na sua entrada do 3º acto elle distanciou-se de um compasso... por culpa da orchestra, e só d'ella.

Não o merecia por esta razão, e não o merecia principalmente porque o Sr. Callione é um artista regular e de merecimento, como o demonstrou na scena do 4º acto, no subterraneo. E outra parte do publico, que não está disposta a submeter-se ás impertinencias de um grupo que ultimamente entendeu de dar triste copia da sua educação, por isso mesmo applaudiu o Sr. Callione, e talvez com mais calor do que era de sua intenção fazer.

A Sra. Medéa Mey, que vinha precedida de grande reputação, despertou um murmurio de admiração em toda a sala, ao entrar em scena no 1º acto.

Efectivamente, raras vezes ter-se-ha visto uma Amneris tão bella, de figura tão imponente, de belleza tão correcta; e a impressão que causou ao publico, serviu ao menos para provar quanto este é entendedor da arte plastica.

Nesse acto, como nos dous outros seguintes, a impressão causada pela voz da Sra. Medéa não correspondeu inteiramente á causada por sua bella figura; no começo do 2º acto, houve mesmo um tal desaccordo de tom entre a sua voz e a orchestra, que desagradou geralmente. Demais, a voz d'aquella cantora, evidentemente velada, tremula, denunciava, ou estado de superexcitação nervosa, ou mal estar doentio.

Felizmente, na grande scena do 4º acto a gentil prima dona desfez a má impressão causada nos actos anteriores, e fez jus aos applausos e chamados que teve, pelo sentimento que imprimiu á phrase

Ohimé, morir me sento...

e em que revelou maior volume e mais segurança de voz.

O Sr. Zardo deu-nos um Amonasro assás accetavel, e do Sr. Roveri dizemos que é um excellente baixo... como feremos occasião de reconhecer amanhã, no *Fausto*.

Regia-nos a Sra. Bulicoff — aquella que, sem reservas, foi ante-hontem pro-

clamada uma artista de superior merecimento. Inegavelmente, esta primadona dispõe de uma voz excellente, bem modulada, de timbre agradávelissimo, emittida com a maior espontaneidade, de uma afinação rigorosamente exacta.

Junte-se a isto uma águra sympathica, processos artisticos naturalissimos, sem armar a effeitos, o mais vivo colorido nas phrases sentimentaes, a mais verdadeira comprehensão da arte dramatica—e temos dito o sufficiente para justificar a nossa affirmação, de que Nadina Bulicoff é uma verdadeira artista, na inteira accepção da palavra.

Dos córos ha áldizer que são diminutos e não hons; do corpo de baile, que talvez não pudesse ser peor, embora fizesse um insignificante esforço; da banda, que não se tornou notavel em nada; e da orchestra, que ás vezes não correspondeu ao modo delicado, talvez por demais condescendente, com que a dirige a batuta do nosso estimado Miguez.

Este foi applaudido ao timar o seu lugar—um lugar que conquistou pelo seu talento e pelo seu saber, tão grandes como a sua modestia.

Faltava-nos lembrar o nome de Claudio Rossi, o director d'aquella *troupe*, e que se fez ainda lembrado pelos excellentes scenarios que apresentou.

THEATROS E

A ESTRANGEIRA

A companhia portugueza do theatro D. Maria II de Lisboa, vai hoje representar no theatro D. Pedro II, a *Estrangeira*, com que hontem estreou.

Esta noticia só tem um fim: prevenir o publico, para que se previna cedo de bilhetes: do contrario muita gente terá de voltar para casa.

Hontem já estava vendida quasi toda a casa.

A *Mulher-Homem* continúa a fazer as delicias dos frequentadores do Sant'Anna. Hoje lá a temos mais uma vez.

E' hoje, no Recreio, a ultima representação do drama *A Filha do Mar*. Aproveitem.

O Club dos Politicos realiza amanhã uma esplendida festa, nos seus elegantissimos salões.

Hoje ha na Phenix Dramatica dous espectaculos variados e ambos interessantes, um á tarde outro á noite.

No Pedro II, a companhia lyrica de Claudio Rossi, cantará amanhã o *Fausto*.

A rainha Victoria tomou de assignatura um camarote no theatro de Drury Lane, para assistir a todas as representações da companhia d'opera, dirigida por Carl Rosa.

Guarabau?

Garota Noticia
27.6.86.